Arqueologia e História no Mundo Mediterrâneo Tardo-Antigo: Análise das Interações Judaico-Cristãs nas Fronteiras entre Cultura Material e Cultura Literária.

Renata Rozental Sancovsky¹

RESUMO

Arqueologia e História no Mundo Mediterrâneo Tardo-Antigo: Análise das Interações Judaico-Cristãs nas Fronteiras entre Cultura Material e Cultura Literária. Propomos analisar algumas das principais construções teológicas do gênero literário patrístico *Adversus Iudaeos*, notadamente produzidas entre os séculos IV e VII, em suas consonâncias e digressões a partir de um vasto universo de cultura material. Se por um lado, tal universo corresponde às redes sociais de produção e controle eclesiásticos e sinagogais, por outro, deles se afastam. Denotando intensa inventividade de seus construtores, suas naturezas arquitetônicas, epigráficas e materiais devem ser apontadas não apenas como expressões objetivas ou confirmações dos discursos reservados aos “desviantes”, mas se constituem, fundamentalmente, em rol de atitudes, táticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos históricos envolvidos nos conflitos.

Palavras-chave: História e Arqueologia; Literatura Eclesiástica; Literatura Rabínica.

ABSTRACT

Archaeology and History in the Late Antiquity Mediterranean World: Analysis of the Jewish-Christian interactions at the borders between Material Culture and Literary Culture. We propose to study some of the major theological constructions of *Adversus Iudaeos* literary genre produced between the IVth and VIIth centuries, by their conformities and divergences with the complex universe of material culture. On one hand, such universe depends on the late antiquity social world of production and control by the whole church and synagogue myths. On the other hand, it does not correspond to them. We must note an intense creativity of these works, by architectural forms, epigraphical and material evidences, which must be identified not only as common expressions or confirmations of digressed behaviors. They also consist of an array of attitudes and strategies, used by those who are especially involved in judaic-christians relationships and conflicts.

Key words: History and Archaeology; Ecclesiastical Literature; Rabbinic Literature.

¹Professora Adjunto II de História Medieval da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em História (PPHR) pela mesma Universidade. Pós-Doutora em Arqueologia pelo Museu Nacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo e Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Centro de Pesquisa e Documentação do Museu da Tolerância de São Paulo (USP). É Pesquisadora Associada dos seguintes grupos de pesquisa: Inquisição e Nazismo: Reflexões (USP/CNPq); Jesus Histórico e suas Recepções (UFRJ/CNPq) e PLURALITAS - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Históricos (UFRRJ/CNPq).

INTRODUÇÃO

Existe algo inerente à condição humana que perpassa a história e a as principais indagações sobre a existência com o mesmo impacto e necessidade que possuem, por exemplo, a subsistência pela produção do alimento e as trocas de seus excedentes.

Referimo-nos, especificamente, à condição humana como condição simbólica, da necessidade de devoção e explicação do ser como parte inseparável da condição humana. Vemos as sociedades tardo-antigas e medievais constituírem-se a partir da construção de intuições mítico-religiosas que visam a organizar, dar sentido à existência, ordenando o mundo e as comunidades através de linguagens extraídas de um universo sensível, intuitivo, perceptivo e imaginativo. Pela condição simbólica e mitológica do homem manifestada na linguagem, superava-se a condição do “homem racional” (CASSIRER, 2009), abrindo possibilidades de se forjarem organicidades e coerências às coisas do mundo. Pela condição simbólica do homem, é possível elaborar representações e linguagens expressas através de uma história, cujos eventos explicam, cada qual à sua maneira, a posição, a função e o destino da humanidade no cosmos.

O objeto do mito religioso, ainda segundo Cassirer (1994), é fornecer um modelo lógico para resolver contradições, mistérios, enigmas e fundar algo instituinte à sociedade através de um conjunto de ações definidas sobre a realidade ou para se referir a ela. Portanto, os fenômenos religiosos não devem ser compreendidos, mas sim, decifrados, porque seus campos semânticos são diferentes dos campos da linguagem usada pela ciência.

As religiões são expressões socialmente organizadas de manifestações do intuitivo e do sensível. Lutam contra a ideia de finitude do ser e elaboram uma espécie de lógica de sistematização dessas manifestações. Criam-se leis, rituais, orações, hierarquias, instituições, locais de conagração, devoção, canalizando para o particular um conjunto de sentimentos que é universal. As religiões, ao sistematizarem a fé, propõem-se agir no âmbito mais específico da vida humana em comunidade, acompanhando o ente no nascimento, na morte e, em muitos casos, estendendo sua atuação ao póstumo.

As formas mais essenciais, mais universais da consciência humana são resultado da visão mítico-religiosa de mundo: liberdade, imortalidade, eternidade, redenção e salvação. Por isso podemos afirmar categoricamente que nenhum ser humano escapa do mito. Embora não seja a única, a religião pode ser vista como a forma mais notória de organização dos mitos em sociedade, mostrando que os limites do humano não se encerram às dimensões da esfera natural (animal ou vegetal), mas vão além e são inteiramente flexíveis, quase infinitas.

Os historiadores, nesse sentido, precisam estar sensíveis a essas expressões tão profundas da existência, cujas manifestações foram abundantemente documentadas (materiais, iconográficos, jurídico-legislativos, literários, canônicos), concedendo-lhes lugar importante em suas análises sociais. É preciso situar as religiões como legítimas expressões do humano, localizando seus particularismos, suas linguagens, suas formas de organização no tempo, e não como fenômenos exógenos, destituídos de sentido, ou como meros resultados estruturais de vicissitudes socioeconômicas.

Assim, para ser possível estabelecer cabíveis relações entre universos de crenças, de construções simbólico-culturais da realidade e os meios sociais onde se encontram e se afirmam (BURKE, 1992), devemos elucidar a importância de compartilharmos dos conjuntos conceituais de que se utilizam a Sociologia das Religiões, a Antropologia Cultural e a Semiologia do Discurso (sejam de origem material ou literária).

Logo, em defesa da legitimidade da literatura medieval como campo de estudo, o medievalista Paul Zumthor alerta para a necessidade de se suplantar, no processo de pesquisa, a atitude comum de tomar a análise do texto literário como “mera decodificação filológica”. Normalmente, tendia-se a se recusar tudo “o que se destacava das letras”, negando que o universo de significações que delas se depreendesse pudesse ser passível de análise, ou mesmo digno de apreciação crítica. Zumthor exige audácia analítica do medievalista ao se defrontar com os textos. Tomados como práticas sociais discursivas, os fatos literários ultrapassam a prática filológica/linguística, e permitem a compreensão dos universos sociais dos produtores dos discursos e dos sujeitos históricos, objetos de suas discursividades.

Nesse sentido é necessário redefinir a textualidade medieval em termos de sua historicidade, de seus impactos sociais e semiotidades, o que equivale a buscar os estatutos sociais dos documentos e os níveis de receptividade. Se para Roger Chartier e Paul Zumthor os textos percorrem todo o universo das representações das práticas e experiências sociais – objetivo último e fulcral da análise histórica, é então premente a extensão do conceito de texto, que vai além da práxis da cultura literária escrita.

Zumthor denuncia a dificuldade, até hoje percebida entre os medievalistas, de desligamento de uma História da Literatura ancorada em um positivismo mecanicista, tomada ainda pelo primado da forma e da “retidão intelectual”. Em detrimento do conteúdo, da ambientação, das recepções sociais dos discursos e das intencionalidades de seus autores, os medievalistas ainda se debruçam sobre os textos literários como se revelassem, por si mesmos, grandes estruturas lógicas e coerentes de compreensão. Dessa forma, os textos são insatisfatoriamente “concretizados”, recaindo em processos analíticos tautológicos que não ultrapassam a superfície e a generalização.

Sabemos que os textos não se deixam apreender por si mesmos. E que nenhuma atividade crítica, como nos lembra Zumthor, deve sucumbir a tal “primado da objetividade”, pois esta camufla a necessidade de se trilhar os caminhos sociais que vão da produção do texto à recepção e apropriação dos discursos dele apreendidos. Tal caminho é evidência do que Chartier denomina de “concretização do texto” e tal deve ser a tarefa do historiador. É necessário igualmente, “investir o objeto de sentidos”, mas que isso não signifique que o texto queira dizer tudo: “(...) *“Enquanto ele subsiste materialmente, o que ele diz é apenas uma visão nova, apropriada por leitores sucessivos daquilo que no começo ele declarou. Toda a hermenêutica de Dilthey a Gadamer e a Paul Ricoeur girou em volta desse problema”* (ZUMTHOR, 2009).

Aplicáveis aos estudos sobre a Patrística Nicena e Pós-Nicena, à literatura rabínico-talmúdica, ou às dimensões materiais das disputas identitárias, Zumthor levanta três pressupostos epistemológicos que podem, a contento, orientar os historiadores dedicados à análise hermenêutica das alterações discursivas, erigidas a partir dos conflitos judaico-cristãos. Da

materialidade exibida pelas polêmicas sobre o outro à profusão literária de gênero polêmico, Zumthor nos apresenta as possibilidades de identificação de uma trilogia formada pela textualidade, teologia e memória, a partir das seguintes linhas epistemológicas:

- 1) todo texto pressupõe a existência de uma longa série de relações interpessoais dialógicas, sem dúvida móveis e articuladas ao longo do tempo a partir dos próprios usos feitos sobre ele. Portanto, todo texto enuncia um conjunto de valores e práticas sociais;
- 2) é pelo viés das relações interpessoais dialógicas, inscritas na textualidade, que a História adentra ao debate sobre os discursos literários, no desejo de se aproximar aos sentidos possíveis da linguagem do outro. O texto é lido em busca do homem que nele reside. Ele é, para Zumthor, “causa, efeito e circuito de toda a significação existente”. E o que é existente é, finalmente, socializado pelo texto;
- 3) afastando-nos de toda causalidade na explicação histórica, os textos nos apresentam lugares de semiose coletiva, abrindo-nos para o campo da chamada “estética da recepção”.

Logo, na História do Mediterrâneo dos primeiros séculos medievais, de inquestionável profusão literária (BROWN, 1972), a argumentação e subjetivação sobre práticas e crenças religiosas, nas interpolações literárias sobre comportamentos ditos “desviantes”, tornam-se elementos antitéticos (KOSELLECK, 2006) e necessários à concepção mitológica de um “corpo social cristão” que, em equilíbrio ao cosmos, prefiguraria uma ontologia unitária, verdadeira e, sobretudo, universal.

Os conflitos institucionais intrínsecos às ou decorrentes das proposições antitéticas em torno da verdade e do ser, também são localizados pelo historiador no âmago de um vasto universo de cultura material eclesástica e sinagoga, embora não se resumam ao campo do conflito. Suas naturezas arquitetônicas, epigráficas e tumulares devem ser apontadas não apenas como expressões objetivas das políticas reservadas aos “desviantes”. Constituem-se, fundamentalmente, em rol de atitudes, táticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos históricos envolvidos nos conflitos.

Igreja e Sinagoga, em suas práticas sociais, representações culturais e metáforas alegóricas podem ser aqui identificadas como símbolos de organicidades antagônicas construídas e encontram-se no cerne de nossa discussão.

No que tange ao campo das manifestações discursivas antitéticas, optamos metodologicamente pela análise e desconstrução dos discursos presentes em tratados polêmicos e exegéticos, considerados a partir da dilatação conceitual e alcances hermenêuticos do gênero literário *adversus iudaeos* (SANCOVSKY, 2010^a).

Logo, ainda que alguns de seus principais expoentes tenham pertencido a diferentes periodicidades, regionalidades e formatos narrativos, é possível sistematizar e demarcar a retórica histórica do preconceito, aqui construída por importantes setores do episcopado mediterrâneo, uma vez configurada como “(...) *retórica da intolerância, ou seja, da expressão do pensamento sobre a diferença, a desigualdade*” (DELUMEAU, 1999).

No mapeamento do que ora denominamos de uma “hermenêutica da identidade sociorreligiosa” a partir das produções do século IV, permite-se apontar para a identificação de campos semânticos de si e do outro, expressões indelévels das sociedades tardo-antigas mediterrâneas em processo de cristianização.

Nossa escolha reside fundamentalmente na ideia de que as obras elencadas conferem historicidade ao pensamento intolerante sobre os judeus, conversos e cristãos judaizantes, sendo possível situá-las dentro de um universo semântico, representativo-discursivo e considerar “(...) *a retórica do preconceito como sendo uma das inúmeras formas de expressão do discurso social*” (CARNEIRO, 1996).

Assim, é relevante alertar para que não vejamos os produtos intelectuais de nossos autores antes apenas como meios de reconhecimento ou meros reflexos dos processos sociais que os inspiraram. Segundo Simona Cerutti, a linguagem por meio do discurso é instrumento histórico capaz de agregar e gerar laços de solidariedade entre aqueles que dela compartilham (BOUTIER et JULIA, 1998).

Para Cerutti, é fundamental que o discurso permaneça como impulso metodológico à pesquisa, e não o seu coroamento. Mais do que a própria relação entre discurso e estratificação social que engessa as possibilidades interpretativas sobre a intolerância, entendemos que a chamada “construção discursiva” por si mesma, deve interessar ao historiador.

Consideremos então que a análise da linguagem é central para a investigação das práticas, experiências e representações culturais dos produtores de discurso (e onde for metodologicamente possível, na investigação dos códigos adotados pelos receptores desse discurso), além de permitir reavaliar as visões mecânicas que impuseram, até hoje, uma dependência direta entre o discurso e contexto social². Os indivíduos, ao formarem códigos linguísticos repletos de contradições e simbolismos, passam a constituir objeto de pesquisa, abrindo ao historiador novas possibilidades de entendimento do real.

Cabe reiterar que, embora perceptíveis na documentação, as experiências e comportamentos sociais muitas vezes mostravam-se irredutíveis aos discursos. A exemplo dos problemas levantados por Simona Cerutti, na literatura patrística de natureza polêmica nos deparamos com inúmeras oscilações quanto aos meios de abordagem da questão judaica. Encontraremos sérias divergências entre o discurso político-apologético de estilo contido e diplomático, divulgado nas “Histórias oficiais” e o fervoroso enfrentamento teológico, de fala contundente e vocabulário rancoroso, característico dos tratados polêmicos e alterações.

No âmago do universo literário em questão, podemos identificar três grandes tipologias discursivas dos tratados teológicos de gênero polêmico, incluídos os textos produzidos no período Niceno (século IV) e Pós-Niceno (séculos V a VII). Para concretizar as análises

² São interessantes as considerações de Simona Cerutti sobre os problemas metodológicos presentes na análise das construções discursivas e principalmente sobre o discernimento exigido do historiador para que investigue as contradições e distâncias entre linguagens e práticas.

relacionais, citemos o conjunto discursivo judaico de difícil definição tipológica ao entremear heteroglossias rabínicas, jurisprudências e alegorias – o *Talmud* (nas suas versões *Yerushalmi* e *Bavli* - Jerusalém e Babilônia).

Optamos por dividi-los em quatro grandes campos, diferenciados por seus recorrentes instrumentos discursivos:

- 1) **linha homilética/moralizante:** voltada às ações pastorais de catecumenato e conversão, na exortação de seus leitores e ouvintes às analogias entre evangelização e práxis combativa e militante. Podemos localizar nesta linha, os principais tratados *adversus iudaeos* e homilias pastorais de João Crisóstomo, Agostinho de Hipona, Quodvultdeus de Cartago, Cesário de Arles, Ambrósio de Milão e Isidoro de Sevilha. Situamos igualmente as homilias de Ambrósio de Milão *Expositio Evangelii secundum Lucam*, e as cartas do bispo Severo de Menorca (*Epistola Severi Ad Omnem Ecclesiam, De Virtutibus Ad Judaeorum Conversionem In Minoricensi Insula Factis In Praesentia Reliquiarum Sancti Stephani*), referentes aos relatos dos episódios de conversão da comunidade judaica de Mahón, em 417, e da chegada das relíquias do mártir Estêvão às Ilhas Baleares, através das iniciativas do bispo Paulo Orósio;
- 2) **linha disputatio/altercatio:** direcionada à personificação e institucionalização dos conflitos judaico-cristãos através das representações da Ecclesia e Synagoga. Apresentam-se em formato dialógico e teatral, instituindo em suas personagens traços morais, comportamentais e atitudinais coletivos, cujo resultado converge para o convencimento teológico e cristológico da verdade eclesiástica e a denúncia dos equívocos e erros judaicos. Podemos situar os escritos de Eusébio de Cesaréia *Disputatio Christianorum et Iudaeorum Habita Romae coram Constantino et Helena*, de Quodvultdeus, *Altercatione Ecclesiae et Synagogae Dialogus*, o tratado *De Comparatione Ecclesiae et Synagogae* do bispo Cesário de Arles e os diálogos apresentados pela *Altercatio Simonis Iudaei et Theophili Christiani*, do bispo Evagrius;
- 3) **linha histórico-narrativa:** perfazendo a trajetória das chamadas “Histórias Eclesiásticas”, nestes textos, o judeu emerge como sujeito coletivo e figura antagonônica necessária. Na dinâmica discursiva, é testemunha ocular não apenas do destino e crescimento da Igreja, como também de sua própria ruína e desvio. Nesta linha destaca-se o trabalho de Eusébio de Cesaréia em História Eclesiástica. Outro texto de sua autoria, a biografia produzida sobre Sylvestri I (314-335) traz importantes contribuições sobre a prática da *disputatio*, a partir de relatos sobre a participação do eclesiástico em alteração judaico-cristã, provavelmente convocada por Constantino;
- 4) **linhas narrativas na literatura rabínica tardo-antiga:** como arcabouço documental fundamental para o estudo do universo sociocultural judaico, apontamos a literatura talmúdica dos séculos IV e V ³. Por apresentar em suas dialógicas discursividades aramaicas, a fusão de atributos alegóricos (*Hagadah*), doutrinários (*Halachá*), circunstanciais e jurisprudenciais (*Guemará*). Pautados em tradições rabínicas orais de origem palestina dos séculos I e II (*Mishnah*), os textos tardo-antigos e medievais constituem-se instrumentos documentais para análise das inflexões culturais judaico-cristãs e dos conflitos institucionais em jogo.

3 The Soncino Talmud. Chicago: Davka Corporation/Judaica Press Inc, 1996. 1 disco compacto: digital. The CD-ROM Judaic Classics Library.

Indicado proficuamente como principal fonte para o estudo do mundo judaico do período, neles encontraremos a construção simbólica de ideais essencialmente rabínicos de vida social, através de tópicos discutidos de forma difusa e inconclusiva dentro de seus 63 tratados, valendo mencionar aqui apenas alguns: produção material urbana e rural, trabalho e subsistência, educação, sinagoga, rituais e liturgias, laços parentais e matrimoniais, sexualidade, monolatria e idolatria, criminalidades e proselitismo.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS FONTES MATERIAIS E SEUS LUGARES NO ESTUDO DAS RELAÇÕES JUDAICO-CRISTÃS

Nas últimas décadas, a cultura material tornou-se porta de entrada do historiador no universo da arqueologia. Os diálogos com uma antropologia histórica contribuíram para dar tratamentos renovados aos documentos materiais, inserindo-os, segundo Marcelo Rede, em unidades de análise mais amplas e coerentes. Nesse sentido, a escrita da História “a partir das coisas”, permite que se pense para além dos textos literários. Instituinte do social, a cultura material está carregada de símbolos e significantes que as palavras ou textos escritos, na maioria dos casos, não nos revelam. Segundo Norberto Guarinello “(...) desde os anos 60, a semiótica e a antropologia têm buscado decifrar o mundo das coisas pensando-as como estruturas de linguagem – dotadas de significados” (GUARINELLO, 2005).

No âmago dos mais recentes debates teóricos sobre as interfaces entre a arqueologia e o saber histórico, a cultura material socialmente construída deve ser entendida como conjuntos de sistemas simbólicos situados antes na esfera da ação, do que de reflexos ou espelhos das organizações sociais. A cultura material como conjunto simbólico é instituinte do social, e não apenas instituída ou apreendida. Dotada de complexidade, é, portanto, objeto de análise e decifração.

Através do uso de fontes de caráter material, consideramos poder enfrentar diversos obstáculos metodológicos que se impõem aos medievalistas. Reduzindo o peso absoluto atribuído às fontes literárias nas pesquisas em História da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média, o reconhecimento da cultura material (admitindo-se suas variantes iconográficas) estaria longe de gravitar pelo tratamento meramente descritivo. Por muito tempo, a arqueologia acreditava ser essa a sua função, agindo no sentido de confirmar os conteúdos dos “documentos academicamente consagrados”.

Rompendo com este rol de objetividades científicas, como bem ressaltam Guarinello (2005) e Rede (1996), a cultura material muitas vezes mostra-se contraditória e contraposta às fontes escritas, ou seja, esta cultura não deve ser metodologicamente operacionalizada no sentido de confirmar o conteúdo revelado pelo texto escrito/literário. Os retratos sociais possibilitados pela análise material são sempre polissêmicos, polifônicos, descaracterizam os falsos consensos historiográficos em torno da formação dos universos identitários judaicos e cristãos, ora em debate neste projeto.

Por um lado, de fato, muito desta cultura material apresenta dimensões do conflito judaico-cristão que poderíamos apontar como condizentes às principais linhas literárias polêmicas *adversus iudaeos*. Entretanto, todas essas dimensões trazem significantes adicionais às disputas identitárias, como os mosaicos e representações pictóricas de inversão da simbologia judaica e as alegorizações pedagógicas das escrituras da Bíblia Hebraica.

Por outro lado, e na maior parte das vezes, os universos de cultura material judaica e judaizante atestam para a existência de desníveis entre as polêmicas e estereotípias trazidas pelos textos patrísticos (SANCOVSKY, 2010^b) e a práxis cotidiana da crença em sociedade.

De uma vasta gama de imponentes vestígios templários (LEVINE, 1982) de natureza sinagoga (CANTERA et MILLÁS, 1956), registros epigráficos funerários de judeus, conversos e cristãos judaizantes (FELLE, 2007) a simples artefatos de uso cotidiano por camadas menos abastadas - como amuletos (BONNER, 1950) e lamparinas – os fatos arqueológicos nos defrontam com inesperadas evidências de usos e apropriações culturais na interface entre cultura rabínico-talmúdica, culturas simbólicas cristãs e representações mágicas de escopo romano-helenístico.

É correto hoje afirmar que a cultura material e epigráfica entre os séculos IV a VII não concretizam de forma imediata e cabal as proposições homiléticas e antiéticas encontradas no gênero literário polêmico *adversus iudaeos*. Não concretizam ainda, as definições em torno de supostas “identidades judaicas” e “identidades cristãs” consolidadas pelas metáforas e estímulos conflituosos de uma literatura que opõe e define como antagônicas, Sinagoga e Igreja. Antes, nos apresentam fortes desníveis entre escrita e materialidade no *corpus* documental, sendo este o grande desafio ao historiador medievalista.

Até hoje demarcado por análises de superfície sobre a formação histórica do antissemitismo teológico eclesástico (LIMOR et STROUMSA, 1996), resumida ao rol de reflexões doutrinárias (WILKEN, 2004), homiléticas e de alterações dos textos patrísticos (PARKES, 1977), o campo de uma História das relações entre judeus e cristãos no mundo mediterrâneo ainda está por ser construído. Afirmemos que este deve adentrar a um universo de culturas materiais polissêmicas, tomando-as como instrumentos empíricos contundentes dos interacionismos simbólicos praticados por judeus e cristãos dos primeiros séculos medievais que utilizavam o Mediterrâneo como ponte entre o Ocidente e o Oriente.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bat-Sheva. Isidore of Seville: His Attitude towards Judaism and his Impact on Early Medieval Canon Law. **The Jewish Quarterly Review**, Philadelphia: Annenberg Research Institute, v. 80. n.3-4 (p.207-220), Jan-April, 1990.

ATTIAS, Jean-Christophe. **De la Conversion**. Paris: Centre D' Études des Religions du Livre/Du Cerf. (Patrimoines religions du Livre), 1997. (250 p)

BURKE, Peter. **O Mundo como Teatro: Estudos de Antropologia Histórica**. Lisboa: Difel, 1992. (267 p).

BARCALA MUÑOZ, Andrés. **Biblioteca Antijudaica de los Escritores Eclesiásticos Hispanos**. Madrid: Aben Ezra Ediciones. 2.v., 2005. (886 p).

BARNETT, Richard. **The Sephardi Heritage: Essays on the History and Cultural Contribution of the Jews of Spain and Portugal**. London: Valentine, Mitchell, 1971. (451 p).

BARON, Salo W. **A Social and Religious History of the Jews**. 2.ed. Philadelphia: Jewish Publications Society of America, v.3, 1952. (340.p).

BAUER, Yehuda. Antisemitism as a European and World Problem. In: **Patterns of Prejudice**. London: The Institute of Jewish Affairs, v.27, n.1 (p.15-24), 1993.

BONNER, Campbell. **Studies in Magical Amulets Chiefly Graeco-Egyptian**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1950. (380 p).

BOYARIN, D. **Israel Carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica**. Rio de Janeiro: Imago, (Col. Bereshit), 1994. (286p).

BREGMAN, Marc. Mishnah and LXX as Mystery: An Example of Jewish-Christian Polemic in the Byzantine Period. In: LEVINE, Lee (Ed.) **Continuity and Renewal. Jews and Judaism in Byzantine-Christian Palestine**. Jerusalem: Dinur Center for the Study of Jewish History/ Yad Ben-Zvi Press (p.333-342). 2004.

BROWN, Peter. **Society and the Holy in Late Antiquity**. Berkeley, Los Angeles, California: University of California Press, 1989. (347 p).

_____. **Religion and Society in the Age of St. Augustine**. Oregon: Wipf & Stock Publishers, 1972. (352p).

BRUNS, G. "The Hermeneutics of Midrash". SCHWARTZ, Regina. In: **The Book and the Text: The Bible and Literary Theory**. Oxford: Basil Blackwell, 1990 (p.189-213).

CARNEIRO, M.L.T. O Discurso da Intolerância: Fontes para o Estudo do Racismo. In: **Dossiê FONTES HISTÓRICAS: Abordagens e Métodos**. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP. Campus de Assis. Programa de Pós-Graduação em História, 1996, (p.21-32).

CANTERA y BURGOS, F. **Sinagogas Españolas**. Madrid: C.S.I.C, 1984. Reimpressão da 1. ed., 1955. (375 p).

CANTERA, F.; MILLÁS, J.M. **Las Inscripciones Hebraicas de España**. Madrid: C. Bermejo, 1956. (392 p).

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem: uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (391 p).

_____. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHARTIER, R.. A Leitura: uma Prática Cultural. In: CHARTIER, R. (Org.) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.229-253.

CLARKE, David. **Models in Archeology**. London: Methuen, 1972. (264p).

DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 1999. (471p).

DOMÍNGUEZ ORTÍZ, A. Historical Research on Spanish Conversos in the last 15 years. **Collected Studies in Honour of Américo Castro's Eightieth Year**. Op.cit. p.63-82.

MÁRQUEZ VILLANUEVA, F. The Converso Problem: An Assessment. In: HORNIK, M.P. **Collected Studies in Honour of Américo Castro's Eightieth Year**. 317-333.

FABRE-VASSAS, Claudine. **The Singular Beast. Jews, Christians, & the Pig**. Translated by Carol Volk. New York: Columbia University Press, 1997. (245p).

FELLE, A.E. Judaism and Christianity in Light of Epigraphic Evidence (3rd-7th cent.CE) **HENOCH, Studies in Judaism and Christianity from Second Temple to Late Antiquity**. Brescia: Ed. Morcelliana, v.29. n.2. Jews in Greco-Roman World: Historical and Literary Aspects, (p.354-377), 2007.

FUNARI, Pedro Paulo. de Abreu, et alii. **Global Archaeological Theory: Contextual Voices and Contemporary Thoughts**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2005. (380p).

GALLEGO BLANCO, Enrique. **Relaciones entre la Iglesia y el Estado en la Edad Media**. Madrid: Revista de Occidente, (Biblioteca de Política y Sociología). 1973. (220 p).

GINZBURG, Carlo. Just One Witness. In: FRIEDLANDER, Saul (Ed.) **Probing the Limits of Representation: Nazism and 'Final Solution'**. Cambridge/London: Harvard University Press, 1992. (p.82-96).

_____. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2.ed., 1991. (406p).

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (205p).

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. (165p).

GUARINELLO, N. Archaeology and the Meanings of Material Culture. In: FUNARI, P.P.de Abreu, et alii. **Global Archaeological Theory: Contextual Voices and Contemporary Thoughts**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2005. (p.19-27).

HIRSHMAN, M. **A Rivalry of Genius: Jewish and Christian Biblical Interpretation in Late Antiquity**. Albany: State University of New York Press, 1996. (278p).

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à Semântica dos Tempos Histórico**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. (266p).

LEVINAS, Emmanuel. **Do Sagrado ao Santo: Cinco Novas Interpretações Talmúdicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (204p).

_____. **Quatro Leituras Talmúdicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003. (176p).

LEVINE, Lee (Ed.) **Ancient Synagogues Revealed**. Detroit: Wayne State University Press, 1982. (320p).

_____. (Ed.) **Continuity and Renewal. Jews and Judaism in Byzantine-Christian Palestine**. Jerusalem: Dinur Center for the Study of Jewish History/ Yad Ben-Zvi Press, 2004. (290p).

LIMOR, O. et STROUMSA, G.G. (Ed.) **Contra Iudaeos. Ancient and Medieval Polemics between Christians and Jews**. Tübingen: Mohr, 1996. (210p).

MACCOBY, Hyam. **Judaism on Trial: Jewish-Christian Disputations in the Middle Ages**. London: Littman Library of Jewish Civilization, 1993. (335p).

NEUSNER, Jacob. **The Yerushalmi – The Talmud of the Land of Israel: An Introduction**. Northvale, New Jersey, London: Jason Aronson Inc., 1993. (295p).

OUAKNIN, Marc-Alain. **Le Livre Brûlé: Philosophie du Talmud**. Paris: Lieu Commun, 1993. (420p).

PARKES, J. **The Conflict of the Church and the Synagogue; A Study in the Rise of Antisemitism**. London: Soncino, 3.ed., 1977. (351p).

REDE, Marcelo. História a partir das Coisas: Tendências Recentes nos Estudos de Cultura Material. **ANAIS DO MUSEU PAULISTA**. São Paulo: Nova Série, n.4, (p.265-282), 1996.

THE SONCINO TALMUD. Chicago: Davka Corporation/Judaica Press Inc. 1 disco compacto: digital. The CD-ROM Judaic Classics Library, 1996.

SANCOVSKY, Renata R. **Inimigos da Fé. Judeus, Conversos e Judaizantes na Península Ibérica. Século VII**. Rio de Janeiro: Imprinta/ CHCJ/ LEI-USP, 2.ed., 2010^a. (360p).

_____. Práticas Discursivas e Campos Semânticos das Narrativas *Adversus Iudaeos*. Séculos IV ao VII d.C. **PHÔINIX. Revista do Laboratório de História Antiga/UFRJ**. Rio de Janeiro: Mauad X, Ano 16, v.16, n.1, (p.128-146), 2010^b.

SNODGRASS, A.M. **An Archaeology of Greece**. Berkeley : University of California Press, 1987. (345p) .

STANTON, Graham N & STROUMSA, Guy G. (Eds.) **Tolerance and Intolerance in Early Judaism and Christianity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. (290p).

STROUMSA, Guy G. **The End of Sacrifice. Religious Transformation in Late Antiquity**. Chicago: Chicago University Presse, 2009. (185p).

TEPPLER, Yaakov. ***Birkat haMinim. Jews and Christians in Conflict in the Ancient World***. Tübingen: Mohr Siebeck, (Texts and Studies in Ancient Judaism, 120), 2007. (468p).

TRACHTENBERG, J. **The Devil and the Jews. The Medieval Conception of the Jew and Its Relation to Modern Antisemitism**. New Haven: Yale University Press, 1943. (277p).

WILKEN, Robert L. **John Chrisostom and the Jews. Rhetoric and Reality in the Late 4TH Century**. California: California University Press. 1983. (150p).

WILLIAMS, A. Lukyn. **Adversus Iudaeos**. Cambridge: Cambridge University, 1935. (389p).

XIBERRAS, Martine. *As Teorias da Exclusão. Para uma Construção do Imaginário do Desvio*. São Paulo: [s.ed], 1994. (247p).

YERUSHALMI, Yossef Hayim. **Assimilation and Racial Anti-Semitism. The Iberian and the German Models**. New York: Leo Baeck Institute Inc., (Leo Baeck Memorial Lecture, 26), 1982. (380p).

_____. **Zakhor: História Judaica e Memória Judaica**. Rio de Janeiro: Imago, (Bereshit), 1992. (168 p).

ZUMTHOR, Paul. **Falando de Idade Média**. São Paulo: Perspectiva, [Debates, 317], 2009. (134p).

_____. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: EDUC, 1990. (137p).